

ESTUDO BÍBLICO

ATOS DOS APÓSTOLOS

(16º ESTUDO)

O PRIMEIRO

MÁRTIR

Atos 6.8 a 7.60

REV. SILAS MATOS PINTO

O PRIMEIRO MÁRTIR

Atos 6.8 a 7.60 - O primeiro pedaço do bolo é o mais esperado. O primeiro é sempre especial, o segundo, nem tanto. O primeiro mártir da cristandade também foi especial.

Trata-se de Estêvão. Um crente cheio do Espírito Santo. Foi escolhido para ser um dos primeiros sete diáconos. Destemido e corajoso que enfrentou as autoridades. Honrado pelos homens e pelo Mestre, pois minutos antes de ser apedrejado, o viu à sua espera. O primeiro foi especial.

A expressão “*Mártir*” é atribuída à pessoa que morre em prol de uma causa. O dicionário define assim: “*Mártir é a pessoa submetida a suplícios ou mesmo à morte pela recusa de renunciar sua fé ou a qualquer de seus princípios*”.

Estêvão não morreu para que seu nome entrasse para a história. Ele morreu por ser um crente fiel, por não negar a sua fé e por não se calar frente às autoridades. Ele morreu como um servo e imitou ao Mestre na Sua vida e na Sua morte.

Nosso tema será:

O PRIMEIRO MÁRTIR AGIU COMO O SEU MESTRE.

Jesus é o pior vendedor da história. Qualquer outro que quisesse atrair seguidores faria promessas de bênçãos e outras regalias, mas Jesus disse (Jo 15.20): “*Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se*

guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa”. Ele não poupou aos seus discípulos da realidade e ainda disse que seriam bem-aventurados aqueles que sofressem por Ele. E também disse (Jo 16.33): “*Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo*”. Sua vitória garante o nosso sucesso.

Jesus queria que Seus servos fossem discípulos e agissem como o Mestre. Os sofrimentos seriam como os dEle, porém, as glórias, também.

No intuito de ser como o Mestre Estêvão **SE TORNOU UM INSTRUMENTO DE DEUS** – “*Estevão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo*”.

Muitos cristãos têm se tornado frios, vazios e inúteis à obra de Deus. Vivem na igreja por anos sem nunca fazer nada útil. Se aqueles que fazem o bastante já se sentirão inúteis, imagina aqueles que nunca fizeram nada? Porém, há muitos que se tornam úteis e indispensáveis. Tornam-se instrumentos para a glória de Deus. Sua vida e suas ações promovem o engrandecimento do Nome do Senhor. Deus o usa na Sua obra e faz dele um instrumento valioso para representá-Lo e assim fazer Seu nome conhecido no mundo.

Em Marcos 16.17,18, Jesus afirmou aos seus discípulos: “*Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu*

nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”.

Jesus fez muitos milagres. Os fez no poder do Pai. Aos discípulos afirmou que no Seu Nome também fariam milagres. O texto afirma: *“Estevão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo”.*

Assim como aos apóstolos, aos discípulos também foi dado o Espírito Santo. A assembleia compunha-se de cerca de cento e vinte pessoas quando o Espírito Santo caiu sobre eles. Todos ficaram cheios dEle e muitos sinais e maravilhas passaram a ser realizados pelos discípulos e depois se concentraram apenas nos apóstolos. Não tenho dúvidas que Estêvão era um entre esses cento e vinte discípulos.

Com o poder de Jesus, Estêvão fazia *“prodígios e grandes sinais”*. O livro dos Atos dos Apóstolos não descreve os sinais feitos por Estêvão, mas, como estudamos anteriormente, pessoas vinham de muitos lugares para serem curados. Com certeza um dos instrumentos de Deus para curar pessoas era Estêvão. Deus curava através de Estêvão.

Estêvão se tornou o primeiro mártir porque, assim como os demais discípulos, ele fazia tudo para se parecer com Jesus. Jesus o honrava lhe dando o privilégio de, através do Seu Nome,

ser instrumento divino para a cura de pessoas e para manifestar sinais que revelavam o poder de Deus.

Assim como os judeus ficaram furiosos por causa da doutrina de Cristo e por causa dos milagres e sinais feitos por Jesus, também ficaram furiosos contra Estêvão. O mataram por ser ele um instrumento da glória de Deus entre os homens.

Hoje, pelo menos no Brasil, ninguém tem sido morto por ser instrumento de Deus. Porém todos os discípulos que falam da parte de Deus e se oferecem como instrumentos de salvação acabam sendo odiados, perseguidos e maltratados. Quem quer ser como o Mestre sofrerá como Ele sofreu.

No intuito de ser como o Mestre Estêvão **FOI OUSADO AO PREGAR A PALAVRA DE DEUS** – *“Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga chamada dos Libertos... e discutiam com Estevão; e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava”.*

Homens ousados enfrentaram poderosos e lutaram por direitos. João Batista enfrentou o rei Herodes e lhe disse que ele não poderia possuir a mulher do seu irmão. Perdeu a cabeça, mas não deixou de se opor ao ato pecaminoso do rei.

A oração da Igreja em favor de Pedro e João era para que *“tivessem ousadia no pregar a palavra”*. Eram tempos difíceis. A morte rondava a Igreja e a ousadia poderia custar a vida, e custou a vida de Estêvão.

Jesus foi ousado. Enfrentou aberta e frontalmente as autoridades. Nunca se curvou diante delas. Jesus, além de tudo o que ensinou, deu este exemplo que foi copiado pelos discípulos, pois diante de autoridade revelaram uma coragem inexplicável só explicada pelo desejo de serem como o Mestre.

O discurso de Estêvão não poderia ter sido mais favorável a ele, pois citou fatos históricos e aceitos por todos. O problema foi o conflito na hora de afirmar que Jesus era o Messias, rejeitado por eles e por eles assassinado. Já vimos que aceitar a verdade não era comum entre eles.

Um ditado popular diz: *“Vasilha vazia é que faz barulho”*. Quando os líderes de várias sinagogas vieram em juízo contra Estêvão todos eles foram derrotados na discussão. Nenhum argumento prevaleceu contra o argumento de Estêvão.

Para vencer os servos de Deus os ímpios têm de criar mentiras e usar de subterfúgios. Fazem isto também para atrair aliados. Assim como apresentaram falsas testemunhas contra Jesus, também apresentaram falsas testemunhas contra Estêvão, porém todas elas foram vencidas por ele.

Como não puderam vencer a Estêvão no uso da palavra, partiram para o uso da violência. O texto diz: *“Sublevaram o povo, os anciãos e os escribas e, investindo, o arrebataram levando-o ao Sinédrio”*. Não é difícil induzir a multidão à violência. O comportamento da multidão que louvou a Cristo num dia e

pediu sua morte no outro é prova disto. Bastou um empurrãozinho e começaram a pancadaria.

Estêvão foi morto porque foi ousado nas palavras. Se tivesse sido covarde não teria morrido, mas não teria agido como o seu Mestre.

No intuito de ser como o Mestre Estêvão também **DESPERTOU O ÓDIO POR FALAR A VERDADE** – *“Ouvindo eles isto, enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé, à destra de Deus”*.

As autoridades judaicas odiavam a Jesus. Ele estava sempre em lugares públicos ensinando, pregando e curando. No sábado não cumpria as normas judaicas e fazia milagres, comia e caminhava. Ensinava doutrinas que diferiam da interpretação dos líderes judeus. Condenava o comportamento hipócrita deles e os confrontava diante de multidões.

Jesus conquistou muitos inimigos durante os seus três anos de ministério. Dentre eles nenhum chorou à Sua morte. Foi-lhes um alívio quando Jesus morreu.

O problema é que Jesus ressuscitou. Havia cerca de quinhentas pessoas afirmando que o viram vivo. Além disso um grupo de cerca de cento e vinte pessoas, que eram incultos,

tímidos e medrosos passaram a ser corajosos, a enfrentá-los e a desobedecê-los. Não demorou nada para transferirem para eles o ódio que tinham de Jesus.

Ímpios odeiam a verdade e se voltam contra quem os questionam. Já citei João Batista que foi preso e morto porque falou a verdade. Facilmente partem para a violência para calar àqueles que lhes são empecilhos ou os incomodam.

O texto diz que enquanto Estêvão falava *“enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele”*. Eles estavam a ponto de explodir de raiva. Queriam calar estevão a qualquer custo, mas não podiam ainda porque o discurso de Estêvão estava de acordo com suas crenças. Ele contou como a mão de Deus guiou a história até o Pai trazer o seu Filho para cumprir Suas promessas. Bastou uma palavra fora e pronto.

Vimos a diferença dos sentimentos na assembleia. As autoridades e os demais estavam cheios de ódio, raiva e enfurecidos. Estêvão, no entanto, estava cheio de paz. No meio do seu discurso *“Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé, à destra de Deus”*.

Que visão gloriosa esse diácono teve. Viu Jesus ressurreto, na glória. Naquela hora Estêvão sabia que iria morrer, mas nada mais importava ou poderia o abalar depois de ter tido

essa visão. Ele viu o que todos aqueles que amam a Cristo desejamos ver – Cristo glorificado!

Com todos irados e as autoridades também já prontas para condenar, pois já estavam dispostas a isto antes mesmo da reunião começar, partiram para a violência.

Assim como o Mestre Estêvão **SOFREU INJUSTAMENTE A IRA DOS ADVERSÁRIOS** – *“Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele. E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo”*.

Não há o que dizer sobre a injustiça sofrida por Jesus. Todos sabiam que ele era inocente. A esposa de Pilatos, o próprio Pilatos afirmou sua inocência. A multidão conhecia a justiça de Jesus e o modo como ele viveu entre eles, fazendo somente o bem. Mas, contrariando toda a certeza que tinham, ainda assim, mataram a Jesus.

Jesus sofreu muito na cruz. A violência sofrida por Ele é incompreensível. Não dá para entender porque tanto ódio dos soldados. Porque a multidão sentiu prazer em vê-lo carregar a cruz? Ele só fazia o bem. Sua morte foi injusta.

No Sermão do Monte estão as normas para a vida dos crentes. Nele Jesus diz: *“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é*

grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.11,12).

As mortes dos mártires foram injustas e a morte de cristãos nos nossos dias também são. Crentes não fazem mal a ninguém. Crentes só fazem o bem e pregam a esperança, a paz e a harmonia e se esforçam por fazer o bem a todos. Qual seria uma acusação justa para matar ou ferir os servos de Deus? Não há acusação justa para matar um servo de Deus.

Estêvão teve uma condenação injusta: *“Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele”*. Ninguém deveria ser julgado por um jure enraivado. Hoje há a *“suspeição”* que impede um jurado que tenha motivações pessoais contra o réu de opinar no seu julgamento. No caso de Estêvão, não teve.

O pegaram, arrastaram para fora da cidade, cada um deles com mais raiva que o outro, e começaram o apedrejamento. Esse era um tipo de julgamento comum entre os judeus.

Apesar de ser um instrumento útil nas mãos de Deus para fazer curas, sinais e maravilhas, Deus não o poupou da morte. Foi apedrejado. Assim como o seu Mestre o primeiro mártir sofreu um julgamento injusto!

Assim como o Mestre Estêvão **RESPONDEU AOS SEUS ALGOZES COM GRAÇA E MISERICÓRDIA** – *“E apedrejavam*

Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito! Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado! Com estas palavras adormeceu. E Saulo consentia na sua morte”.

Os romanos não concordavam com o ensino de Jesus. Era-lhes sinal de fraqueza perdoar um inimigo e Jesus ensinava o perdão e ainda exigia que os seus discípulos fizessem o bem a quem lhes fazia o mal.

Em Mateus 5.39-41, Jesus disse: *“Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas”*.

Jesus ensinou estas coisas aos seus e cobrou de cada um deles que fizesse desse ensino uma prática de vida. Além desse, ensinou também a perdoar, diariamente, setenta vezes sete àqueles que nos ofendem. Como é duro esse ensino. Quem é discípulo do Mestre tem de viver como o Mestre viveu. É isso que nos faz *“Discípulos”*.

A morte de Jesus foi traumática para todos. As fraquezas e medos de todos foram expostos e todos fugiram, deixando-O só. Jesus, que sempre fora cercado por multidões agora estava sozinho, cercado por inimigos que o odiavam. Eles o esbofetearam, cuspiram em seu rosto, o vestiram com vestes

reais para zombar dele, colocaram uma coroa de espinhos e o fizeram carregar sozinho o seu instrumento de morte, a sua cruz.

Em nenhum momento vimos sair da boca de Jesus uma única palavra de ódio, raiva ou de maldição. Ele suportou calado todas aquelas injúrias, ofensas e violência. Ele não abriu a Sua boca. Mas fez o que nos parece impossível: Foi misericordioso com quem lhe fazia o mal.

Começou com o soldado Malcon, que Pedro lhe cortou a orelha, ele a colocou de volta. Na cruz prometeu salvação ao ladrão que estava ao seu lado. Se preocupou com o bem-estar de João e da sua mãe. Rogou ao pai que perdoasse seis algozes. No pior momento da Sua vida ele foi misericordioso com quem o feria.

Como Estêvão copiava o agir do Mestre ele aprendeu como deveria tratar os adversários e colocou em prática. Na hora da morte, assim como Jesus, ele entregou a sua alma ao Senhor da sua vida, dizendo: *“Senhor Jesus, recebe o meu espírito!”* A morte não foi motivo de raiva ou medo, mas uma ocasião especial de entrega ao seu Senhor.

Ele fez o que nos parece mais difícil: pensou no bem daqueles que lhe fazia o mal. Ele *“Clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado!”* A maioria pediria a Deus justiça, fogo do céu e pedradas neles. Poucos pediriam que os perdoasse.

Estêvão agiu como o Mestre e sofreu como Ele. Jesus disse que quem quisesse segui-lo sofreria como Ele, mas prometeu estar com Ele na glória. A morte de Estêvão marca o início da perseguição da Igreja. Muitos outros morreram por não negar sua fé. Ainda bem, pois, caso contrário, a Igreja não teria chegado até nós.

O texto termina com uma frase que parece fora de contexto: *“E Saulo consentia na sua morte”*. É apenas a deixa para a continuação de outra história. Saulo, que consentia na morte de Estêvão e se tornara a pior ameaça para os cristãos, estava lá, como um dos algozes do primeiro mártir cristão.

Analisando a história do primeiro mártir, vimos que:

O PRIMEIRO MÁRTIR AGIU COMO O SEU MESTRE.

Por agir com Jesus ele:

- **SE TORNOU UM INSTRUMENTO DE DEUS.**
- **FOI OUSADO AO PREGAR A PALAVRA DE DEUS.**
- **DESPERTOU O ÓDIO POR FALAR A VERDADE.**
- **SOFREU INJUSTAMENTE A IRA DOS ADVERSÁRIOS.**
- **RESPONDEU AOS SEUS ALGOZES COM GRAÇA E MISERICÓRDIA.**

Para se digitar um trabalho a gente configura apenas a primeira página. As seguintes seguem o padrão da primeira. Estêvão foi o primeiro mártir e muitos outros morreram como ele. A disposição de ser fiel até a morte deve continuar em nós. Não

devemos abrir mão da nossa fé, por nada. Se for necessário morrer por nossa fé, que estejamos dispostos a isso.

Sejamos, pois, discípulos verdadeiros de Jesus, na vida ou na morte. Quer vivamos ou morramos, sejamos do Senhor e façamos tudo para a Sua glória.